



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

CURSO DE PSICOLOGIA

ANA FLÁVIA ROXSANY CALHEIROS SOUZA

O declínio do pai e a violência no jovem Lacan

MACEIÓ

2020

ANA FLÁVIA ROXSANY CALHEIROS SOUZA

O declínio do pai e a violência no jovem Lacan

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas, como requisito obrigatório para obtenção do título de graduada em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Charles Elias Lang

MACEIÓ

2020

Um texto só é um texto se ele oculta ao primeiro olhar, ao primeiro encontro, a lei de sua composição e a regra de seu jogo. Um texto permanece, aliás, sempre imperceptível.

Jacques Derrida

APRESENTAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Instituto de Psicologia (IP) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), pela discente Ana Flávia Roxsany Calheiros Souza, número de matrícula 14210481. Esse trabalho foi orientado pelo Prof. Dr. Charles Elias Lang.

RESUMO

Diante de um cenário supostamente catastrófico, o objetivo do presente trabalho foi questionar se há, de fato, um aumento da violência na sociedade e se é possível quantificar o crescimento da violência na atualidade. Além disso, o trabalho buscou refletir se o possível aumento da violência e das psicopatologias na sociedade contemporânea pode ter sido decorrente do declínio do pai, tese atribuída a Lacan por alguns autores.

Palavras-chave: Violência; declínio; psicopatologias; pai; Lacan.

SUMÁRIO

Introdução.....	7
A violência e a agressividade no discurso psicanalítico contemporâneo.....	8
Afinal, o que é um pai?	10
A família e o desenvolvimento psíquico para o Jovem Lacan.....	12
A agressividade e o jovem Lacan	18
Considerações finais.....	21
Referências bibliográficas.....	22

Introdução

A psicanálise contemporânea oferece algumas teorias sobre a violência e a agressividade. Discute-se um suposto crescimento exacerbado da violência na atualidade, atrelado a deficiências na estruturação subjetiva das novas gerações e ao enfraquecimento das figuras de identificação familiar, sobretudo ao enfraquecimento da figura paterna. Algumas das consequências dessas novas formas de mal-estar seriam: a crise dos ideais, da autoridade tradicional e das instituições como a família, a igreja e o exército; a pobreza das relações simbólicas; a mudança do grande sintoma que organiza o laço social, da neurose para a perversão; o culto à singularidade subjetiva e ao individualismo; e a emergência de novas formas clínicas.

Este discurso tem como representantes psicanalistas como Jean-Pierre Lebrun (2004), Charles Melman (2003) e Roland Chemama (2007). Para além do campo psicanalítico, essas ideias também circulam no campo das ciências sociais, entre autores que Markos Zafiropoulos (2002) define como adeptos de uma “sociologia do pós-modernismo”. A origem desse discurso – por vezes fatalista e apocalíptico – parece ser a suposta formulação de uma tese do declínio da família e das grandes figuras de autoridade, que estaria presente no texto *Os complexos familiares na formação do indivíduo*, escrito por Jacques Lacan em 1938.

Segundo Zafiropoulos (2002) Lacan teria formulado a partir da Lei da Contração Familiar de Émile Durkheim, uma tese do declínio da imago paterna. A família patriarcal teria sofrido uma contração e um enfraquecimento de seu poder, o que teria conduzido a uma degradação do complexo de Édipo, agora incapaz de assegurar o amadurecimento psíquico e social do indivíduo.

Segundo Roudinesco (2011), Lacan ainda formula a hipótese de que a própria Psicanálise, invenção ocorrida por um filho do “patriarcado judeu” em uma Viena do final do século XIX, é uma consequência dessa crise. Haveria em Freud um desejo de “revalorizar”

simbolicamente o pai e a Psicanálise que “[...] visaria - pelo menos em parte - ratificar o poder do pai, indispensável ao bom funcionamento da família e à estruturação subjetiva harmoniosa das gerações” (Zafiropoulos, 2002, p. 15). Trata-se, portanto, de um estudo que compreende tanto a dimensão clínica quanto social, afinal a estrutura própria do sujeito do inconsciente depende das condições da produção familiar.

Mas a tese do declínio da imago paterna não é uma unanimidade no campo psicanalítico. Em contrapartida aos autores “declinólogos” citados acima, Navarro (2011) compreende que relacionar o aumento da violência ao declínio de uma força presente e reguladora é afirmar que nosso passado já foi melhor, ou seja, parte de uma visão nostálgica sobre o passado com um pai inexistente.

Diante de um cenário supostamente catastrófico, permeado por efeitos sociais e clínicos, questiona-se: há, de fato, um aumento exacerbado da violência na atualidade? A violência hoje realmente está maior do que no passado? Se sim, é correto atribuir que esse aumento foi uma consequência do declínio do pai? Para refletir sobre tais questões, nos propomos a ler alguns destes autores.

A violência e a agressividade no discurso psicanalítico contemporâneo

Birman (2009) aponta o *ethos da violência* como uma característica marcante da atualidade e valores como a solidariedade estão em baixa. Para ele, a origem da violência é proveniente da dificuldade humana de reconhecer o outro além de si mesmo, ou seja, de um narcisismo crescente e desenfreado. As consequências disso são: um sujeito que não enxerga o outro além de objeto para seu próprio gozo e quando esse outro não o serve mais, pode ser facilmente descartado como dejetivo. Desse modo, surgem as formas inéditas de violência, a exemplo as práticas neonazistas, a morte e assassinatos frequentes.

Além de um sujeito narcisista, o que marcaria o sujeito moderno seria a ruptura com as referências, isso teria conduzido a um desamparo inédito nas sociedades, homogeneização nas individualidades e o conseqüente funcionamento masoquista dos sujeitos. Sem saída, o homem moderno é caracterizado por um masoquismo devastador, na tentativa de lidar com o desamparo e afastar a angústia do real (Birman, 2009).

Navarro (2011) afirma que os habitantes do Chile relacionam a violência urbana e a delinquência a uma extrapolação da esfera pública na esfera privada. Em sequência, menciona que em certo setor da Psicanálise esses argumentos encontram respaldo com a tese do declínio do pai utilizada por Lacan para explicar uma crise na sociedade, causada pela “ausência do pai”. Para a autora, a Psicanálise possui potencial teórico para refletir sobre as temáticas contemporâneas, como a violência, apesar da dificuldade em dialogar com outras áreas do conhecimento. Embora mencione a violência, Navarro não é um autor declinólogo, pois não reforça a relação entre violência e a tese do declínio do pai. Para esse autor, a relação entre violência e a queda das autoridades é constantemente reforçada no meio social.

Ainda nos meios psicanalíticos podemos citar Charles Melman (2003) como mais um dos considerados “declinólogos”, ou seja, autores que utilizam a tese do declínio do pai para explicar os fenômenos sociais. Embora essas teorias não se reduzam a uma forma de psicologização da sociedade, é possível existir confusões entre as teses psicanalíticas e sociológicas, onde uma confunde-se com a outra. Soma-se a isso a possibilidade de encontrarmos teses que são ancoradas e sustentadas através do imaginário social.

Para Zafiropoulos (2002, p. 19), “a tese do declínio da família patriarcal e do seu chefe” trata-se de uma espécie de “nostalgia do pai”, sintoma que Freud relacionou como mecanismo sentimental que acompanha as necessidades religiosas associadas por ele a um estado infantil de dependência absoluta – mal estar da civilização. Isso fala mais de um

sintoma neurótico ou uma verdadeira novela familiar endossada pelo campo analítico, do que um progresso científico.

Chemama (2007) diferencia a tese do declínio atribuída ao texto sobre a família de 1938, “Os complexos familiares na formação do indivíduo” da tese do declínio dos “Nomes do Pai”. Para ele, a tese do declínio da imago paterna data de 1938 e se refere ao plano do imaginário, enquanto que a tese do declínio do “Nome do pai” diz respeito ao pai simbólico. Contudo, essa opinião a respeito de Lacan ainda defende que em determinado momento ele elaborou uma tese do declínio da imago paterna no livro “Os complexos familiares na formação do indivíduo”.

Afinal, o que é um pai?

Parte do nosso trabalho visa explicar como a tese do declínio do pai foi construída e sustentada nos campos psicanalíticos. Para isso, julgamos fundamental compreender o que é um pai, isto é, qual é a concepção de pai que adotaremos. Afinal, o que é um pai?

Julien (1999) afirma que no século XX a imagem paterna morreu simbolicamente com o reconhecimento da autoridade materna. O poder da sociedade civil também aumentou e isso levou a um enfraquecimento da autoridade do pai no seio das famílias nucleares. Como podemos observar: “Desse modo, quanto mais a imagem social do pai declina, mais a criança reclama por uma, uma grande, uma forte, uma bela!” (Julien, 1999, pg. 1). Nesse trecho está explícita uma ideia freudiana sobre o estado “infantil” que se encontra e permanece vivo nas pessoas, ou seja, da criança que busca a imagem do pai em declínio. Quando a imagem social está em decadência existe maior possibilidade do surgimento de figuras autoritárias na sociedade, tais como a de Hitler. Lógico que essa é a visão freudiana a respeito das figuras paternas: Hitler, Deus, o Estado, as leis. Dito de outro modo, o ser humano, para Freud,

quando busca por Deus está na verdade buscando a imagem do pai da infância que foi recalçada.

Além disso, a questão do pai é central na Psicanálise e permeou as teorias freudianas, principalmente nos casos clássicos de histerias apresentados por Freud, nos quais os sujeitos possuem conflitos com a figura paterna. E até mesmo em Lacan a histeria está relacionada ao pai, onde: “[...] a histérica está referida ao seu desejo no sentido de sustentar o desejo do pai, o que equivale a tomar este desejo insatisfeito” (Julien, 1999, p.3). Inclusive a origem dos conflitos do sujeito, por vezes, se relaciona com questões até mesmo religiosas. Podemos ver isso em Freud, que era ateu. É possível que até mesmo a criação da Psicanálise seja uma forma de revalorização do pai, segundo o próprio Freud:

Fez-nos ver que um Deus pessoal nada mais é, psicologicamente, do que uma exaltação do pai, e diariamente podemos observar jovens que abandonam suas crenças religiosas logo que a autoridade paterna se desmorona (p. 9).

A própria análise dos neuróticos tem como objetivo livrá-los da dívida simbólica e impagável, que pode encontrar suas origens na religião cristã: “Para a religião cristã, o homem já nasce com uma dívida com o Pai devido ao pecado (original) cometido” (Julien, 1999, p. 19).

Para Joel Dor (2011) a noção psicanalítica do que é um pai é particular e bem distinta da concepção comum: sendo o pai um operador simbólico a-histórico. Radiszcz (2009) compartilha uma visão semelhante e sublinha a noção de Nome do Pai como símbolo, que não é o pai, mas sim seu nome que é símbolo, que perdura ao longo das gerações, mesmo após sua morte. Em outras palavras, ao considerar o pai como operador é, ao mesmo tempo, desconsiderar que o pai pudesse sofrer um declínio social de sua imagem e, principalmente, que através desse declínio formas diferenciadas de psicopatologias pudessem surgir.

Através do psicanalista Philippe Julien (1997), compreende-se que a tese do declínio do pai advém de uma análise sociológica a partir da crise da modernidade que afetou a

sociedade européia no fim do século XIX: uma desvalorização social da imagem do pai da família patriarcal e a perda da sua autoridade inquestionável. Essa autoridade, que antes reinava com soberania, agora é relativizada e limita-se com o poder da Igreja, do Estado e pela ascensão da figura materna.

A família e o desenvolvimento psíquico para o Jovem Lacan

Em *Lacan e as ciências sociais: o declínio do pai (1938-1953)*, Zafirooulos (2002) analisa alguns textos da obra de Lacan, no intervalo de 1938 a 1953, assim como seus aportes teóricos e as origens da suposta tese. O autor nomeia esses textos como os textos do “jovem Lacan”, compreendendo o seguinte conjunto de textos: *Os complexos familiares na formação do indivíduo* (1938), *Formulações sobre a causalidade psíquica* (1938), *Agressividade em psicanálise* (1948) e *O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelado na experiência psicanalítica* (1949). Reunidos esses textos possuem algumas características similares: abordam temáticas referentes ao narcisismo, agressividade, constituição psíquica do indivíduo e suas psicopatologias.

Segundo Zafirooulos (2002), o período textual do Jovem Lacan é fortemente marcado por influências da Escola Francesa de Sociologia, principalmente de Émile Durkheim, também antropológicas, a exemplo de Malinowski. É um momento teórico anterior às influências de Claude Lévi-Strauss, em 1953, período mais conhecido teoricamente como “retorno a Freud”, como o próprio Lacan nomeia. Considera-se fundamental compreender a base teórica de Lacan para compreender como foi estabelecida a tese do declínio do pai, afinal ela parece ter como base a teoria formulada por Émile Durkheim.

O autor ressalta a influência da Sociologia durkheimiana que fundamenta a concepção de família no Lacan de 1938. Para Zafirooulos (2002, p. 27), o Jovem Lacan é um Lacan antropólogo “que acentua a distinção radical que convém fazer entre família biológica e

estrutura cultural da família humana”. É também um Lacan clínico que postula suas teorias sobre o desenvolvimento psíquico, através dos complexos e suas respectivas imagos.

No prefácio do “Os complexos familiares na formação do indivíduo: ensaio de uma análise de uma função em psicologia”, Jacques-Alain Miller situa que o texto original foi escrito por Lacan para a *Encyclopédie Française*, tomo VIII, publicado em 1938, dedicada ao tema da vida mental, intitulada pelo mesmo nome. O artigo de Lacan ocupa a segunda parte, “*Circonstances et objets de l’activité psychique*”, presente na seção A: A família. Miller afirma ter restabelecido alguns elementos do artigo original para a presente edição: o título atribuído pelo autor original e a continuidade do texto. Em uma nota de rodapé, Zafiroopoulos (2002, p. 12) cita o título do manuscrito original, “*Situation de la réalité familiale*”, publicado pela primeira vez na enciclopédia francesa a pedido de H. Wallon e L. Febvre. Foi publicado novamente em 1984, com o título já mencionado: “*Les Complexes Familiaux dans la formation de l’individu*”.

Esse artigo foi uma síntese elaborada por Lacan que buscou compreender a família ocidental e sua evolução em um período que antecedeu a II Guerra Mundial. Para escrever o referido texto, Lacan uniu estudos de diferentes áreas tanto psicanalíticas quanto sociológicas. Conforme Lacan (1938/2008), para compreender a estrutura da família humana é fundamental ir além dos métodos de observação e análise, encontrados na psicologia concreta, por haver traços que lhe escapam, tornando essencial unir outras áreas ao estudo. “Coordenados pelo método sociológico, esses dados estabelecem que a família humana é uma instituição” (Lacan, 1938/2008, p. 8). A análise psicológica deve buscar compreendê-la enquanto estrutura complexa, desconsiderando as tentativas filosóficas que a reduzam em um único ponto. Lacan entende a família humana para além do fator biológico ou puramente teórico, envolvendo principalmente a questão cultural. Por entender a família humana através da dimensão cultural, é fundamental analisá-la pautando-se nas investigações das ciências

sociais. Ele estuda a família e seu alcance enquanto “objeto e circunstância psíquica” (p. 18), conforme título da segunda parte em que o artigo está originalmente publicado.

O artigo é introduzido pela dimensão natural da família, referindo-se às relações biológicas que unem indivíduos, como a geração. Ao analisar as relações da espécie humana e as das espécies animais, Lacan considera que enquanto nessa há forte presença de comportamentos instintivos, inclusive em fenômenos que se distinguem muito dos instintos familiares, as relações sociais da espécie humana desenvolvem-se de um modo singular. Afinal, é um desenvolvimento assegurado pela capacidade da comunicação mental e por uma “economia paradoxal dos instintos que aí se mostram essencialmente suscetíveis de conversão e de inversão” (Lacan, 1938/2008, p. 7). Como a conservação e o progresso da espécie humana dependem da comunicação, eles só podem acontecer dentro de um meio coletivo. Assim constituímos uma cultura, “[...] uma nova dimensão na realidade social e na vida psíquica” (p. 8).

Logo não é possível pensar a família humana, assim como todos os outros fenômenos sociais, sem considerar a dimensão cultural. Mais do que apenas “considerar”, como se fosse algo que ocorre em segundo plano, a dimensão cultura é algo que especifica, caracteriza as relações humanas. Ainda que haja traços de comportamentos instintivos nas mesmas, a instância cultural se sobrepõe em muitos sentidos, inclusive dentro do próprio sentimento de paternidade. Para Lacan, “[...] basta pensarmos no que o sentimento de paternidade deve aos postulados espirituais que marcaram seu desenvolvimento, para compreendermos que nesse domínio as instâncias culturais dominam as naturais [...]” (Lacan, 1938/2008, p. 8).

A família predomina entre os demais grupos sociais na função de transmissão de cultura, seu papel primordial, transmissão das tradições, dos ritos, costumes, conservação das técnicas e do patrimônio. Predomina, pois “[...] a família prevalece na primeira educação, na repressão dos instintos, na aquisição da língua acertadamente chamada de materna” (p. 9).

Também prevalece diante dos processos fundamentais do desenvolvimento psíquico. Assim, é o grupo que estabelece uma continuidade psíquica, de ordem mental, entre as gerações, uma unidade de linhagem. É também “o lugar de eleição dos complexos mais estáveis e mais típicos” (p. 18).

A concepção de família lacaniana diferencia-se em relação à concepção freudiana-regida pela dimensão biológica, baseada no tripé pai-mãe-filho. Para o autor, a ideia de que composição familiar normalmente vista no Ocidente, formada pelo pai, mãe e seus filhos, ser uma composição igual a uma família biológica é contingente. “Essa identidade nada mais é do que uma igualdade numérica” (p. 10). Considera que essa composição ocidental está ligada a uma estrutura advinda na constância dos instintos e, assim, surgem teorias para encontrar essa constância desde as formas primitivas da família.

A respeito das famílias as teorias divergem-se: por um lado, a ideia de uma família primitiva promíscua, de outro, como um casal estável - ambas as ideias também observadas em animais. Elas estão, porém, fundamentadas apenas em hipóteses, não em fatos, segundo Lacan (1938/2008). Ele discorda quanto ao caráter de promiscuidade, pois desde as formas primitivas e em outras composições familiares, há a interdição e a lei; há os elementos essenciais de autoridade, herança, parentesco, sucessão, ainda que não seja pelo modelo somente patriarcal.

Ao relatar tais teorias, não explicita nenhum autor diretamente. Entretanto, são ideias que nos remetem a Friedrich Engels, em "A origem da família, da propriedade privada e do Estado", de 1884. Nele, o autor compreende que a família humana tenha passado por diferentes períodos em sua história, sendo que as mais primitivas não possuíam nenhuma interdição sexual, somente mais tarde o incesto foi introduzido nas famílias:

Reconstituindo retrospectivamente a história da família, Morgan chega, de acordo com a maioria de seus colegas, à conclusão de que existiu uma época primitiva em que imperava, no seio da tribo, o comércio sexual promíscuo, de modo que cada mulher pertencia igualmente a todos os homens e cada homem a todas as mulheres (ENGELS, 1884, pg. 5).

Há ainda teorias que compreendem as famílias mais primitivas como um agregado de casais biológicos, com menos conformidade entre o parentesco e os laços naturais de consanguinidade. Como mostraria os sociólogos Durkheim e Fauconnet, ainda para o psicanalista supracitado: esses, em suas análises, observam três grupos que aparecem sucessivamente, que vai se estreitando a partir de uma estrutura muito ampla, que inicia na *gens*, com um grupo amplo de origens paternas; estreita-se na família agnática e, por fim, os casais conjugais, filhos e netos, submetem-se à *pátria potestas* do avô.

Também existe a teoria de que as composições familiares primitivas não conhecem seus laços biológicos de parentesco, chegando até mesmo a sua exclusão total em culturas matriciais. O parentesco e o laço de sangue são reconhecidos e legitimados através de ritos. Há também a possibilidade de criar laços fictícios, como adoção. Assim também o é em nosso código: “a filiação é demonstrada pelo casamento” (Lacan, 1938/2008, p. 11).

Lacan desenvolve que não há como provar nem como forçar uma construção com base em uma forma derivada da família biológica para os outros agrupamentos. Mesmo que haja a concepção de que as famílias primitivas eram mais amplas em seus agrupamentos, englobando mais do que membros biológicos, essa forma extensa “[...] não pode ser assimilada à forma familiar atualmente existente” (p. 12). Assim, não se pode pensar que a família moderna, formada por um grupo reduzido, é uma “simplificação” da de outrora. Mas, segundo Lacan (1938/2008, p. 12), se apresenta “como uma contração da instituição familiar”.

A família moderna é uma estrutura complexa; é possível buscar um sentido nessa complexidade, principalmente quando “se apreende o remanejamento profundo que conduziu a instituição familiar à sua forma atual” (p. 12). Nesse processo, há uma fundamental influência da instituição do casamento, o qual é diferente da instituição familiar. Por isso, retoma ao termo de Durkheim: a família conjugal. O significado da

palavra "instituição" diz respeito a um conjunto de regras ou normas estabelecidas para a satisfação de interesses coletivos, conforme o Dicionário [...]. O casamento pode ser um exemplo desses interesses, que facilmente é associado à ideia de família, mas que não a caracteriza por si só, sendo o casamento e a família instituições, mas distintas. Lacan situa o casamento enquanto instituição e o trata como mais uma forma de contingência pela qual a família foi designada ao longo do tempo.

É por conta de toda essa carga fundamentalmente cultural que a família carrega, sobrepondo aos fatores naturais, que ao estudá-la foca-se não nos instintos, mas nos complexos, estes que são “[...] dominado por fatores culturais [...]” e “[...] pertence ao domínio da cultura [...]” (p. 16). Não que ambos, complexos e instintos, sejam opostos, pois há relação entre ambos, mas agora “[...] é o instinto que se poderia esclarecer atualmente por sua referência ao complexo” (p. 17), não o contrário. Ao compreender a família e a organização humana através de relações fundamentalmente culturais, atribuindo-lhe até mesmo enquanto algo que é uma “[...] subversão de toda fixidez instintiva [...]” (p. 16), compreende sua capacidade de criar infinitas variedades culturais.

Lacan elabora sua primeira teoria sobre a constituição psíquica, organizada através de complexos. No referido artigo, formula uma teoria na qual a família, ainda que exterior ao indivíduo, possui sua representação inconsciente: as imagos, elemento fundamental dos complexos. Juntos, formam uma estrutura que organiza a constituição psíquica dos indivíduos. Para Zafiropoulos (2002), o valor dessa imago depende das condições sócio-históricas da estruturação e funcionamento do grupo familiar.

Freud compreendeu os complexos como algo essencialmente inconsciente, causa de efeitos psíquicos diversos, como atos falhos, segundo Lacan (38). Já Lacan, segundo o próprio, utilizar um conceito de complexo é tão amplo que não exclui a possibilidade do sujeito ter consciência do que ele representa. “Compreende ainda o complexo

desempenhando uma função de ‘organizador’ no desenvolvimento psíquico” (p. 18). São o que “dominam os fenômenos que, na consciência, parecem os mais integrados à personalidade” (p. 18). O complexo possui as imagos, as representações inconscientes, como seu elemento fundamental. Ambos os conceitos, de complexo e de imago, revolucionaram os estudos sobre a família, pois essa é considerada como “o lugar de eleição dos complexos mais estáveis e mais típicos” (p. 18). Os sentimentos familiares e os complexos estão fortemente relacionados. A partir dele, aumentou-se o alcance da família enquanto objeto e circunstância psíquica. Separa-os em três: o complexo do desmame, da intrusão e o do Édipo.

A agressividade e o jovem Lacan

Quando Lacan em 1948 tenta formular um conceito de agressividade para uso científico ele pensou na possibilidade desse conceito ser objetivado, ou seja, com seus fatos considerados variáveis. Anterior a isso a noção de agressividade empregada era a da clínica e nesse relatório de 1948 ele pontua se é “[...] possível formar dela um conceito tal que possa aspirar a um uso científico [...]” (Lacan, pg. 104).

Mais adiante Lacan pontua que cada um presente na assembléia possui uma experiência fundamentada numa técnica. Como podemos observar nesse trecho Lacan está referindo-se a Freud que abriu os caminhos da clínica e das noções de agressividade

Todos temos em comum, nesta assembléia, uma experiência fundamentada numa técnica, num sistema de conceitos ao qual somos fiéis, tanto por ele ter sido elaborado por aquele mesmo que nos abriu todos os caminhos dessa experiência, quanto por trazer a marca viva das etapas dessa elaboração. Ou seja, ao contrário do dogmatismo que nos imputam, sabemos que esse sistema permanece aberto, não apenas em seu acabamento, mas em vários de seus pontos de articulação (LACAN, pg. 104, 1948).

Já que Lacan propôs provar se é possível formar um conceito de agressividade para uso científico, ele retorna a Freud e argumenta que ele abriu os caminhos, mas que seus conceitos permanecem em aberto. Ele retoma o termo *instinto de morte* para afirmar que esse conceito foi utilizado por Freud na tentativa de incorporá-lo no registro da biologia, como também comenta Eidelstein “Para Freud, a ciência do real é a biologia; para Lacan, a lógica matemática” (EIDELSZTEIN, pg. 3, 2014).

“A frase de Christine: "Creio mesmo que numa outra vida eu devia ser o marido de minha irmã", se reproduz em nossos doentes através de muitos temas fantásticos que basta escutar para obter. Que longo caminho de tortura ela teve de percorrer antes que a experiência desesperada do crime a dilacerasse de seu outro si-mesmo, e que ela pudesse, depois de sua primeira crise de delírio alucinatório, em que ela acredita ver sua irmã morta, morta sem dúvida por esse golpe, gritar, diante do juiz que as confronta, as palavras da paixão manifesta : "Sim, digo sim." (Lacan, pg. 390).

Nota-se no trecho citado acima que Lacan já estava muito interessado na temática da agressividade, apresentando-se para o autor como uma questão bem enigmática. O caso das irmãs papin parece ter instigado ele e o mesmo buscou explicações para desvendar o crime, pelo menos no que diz respeito ao caráter das irmãs. Lacan diagnostica as irmãs como paranóicas e defende a idéia de uma psicose dupla, mesmo que a maioria dos especialistas tenha afirmado que seria um caso impossível de existir. É importante destacar o caráter psicanalítico já presente nesse “jovem Lacan” de 1932, ainda um jovem psiquiatra que estava defendendo sua tese.

Em suma, embora o Lacan de 1948 tenha se dedicado a formalizar um conceito psicanalítico para a agressividade, esse conceito já tomava alguma forma desde muito antes. Fazendo-se uma analogia com a teoria freudiana, podemos presumir que: a lei não extingue a agressividade, a mesma é uma forma disfarçada de violência. Mas será que podemos medir o quão violenta é ou foi uma sociedade? Considerando-se as ideais até agora explícitas seria

impossível medir, pois a agressividade pode ser manifesta de diversas formas como diria Lacan em “Agressividade em Psicanálise” de 1948.

Considerações finais

Lacan em 1932 escreve sua tese: Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade. Nesse texto ele define a paranóia/ psicose como uma falha da síntese ou da conduta humana e que tal conceito será sempre um enigma. Na referida época, nota-se como Lacan já se dedica ao tema da agressividade e a marca como o âmago da psicose. É interessante relacionar a agressividade à psicose, pois como descrito por Lacan, a paranóia é enigmática, assim, depreende-se que a agressividade também. Como a própria problemática levantada no decorrer deste trabalho se dispôs a pensar: a agressividade é própria de todas as estruturas psíquicas, sendo apontada e discutida em muitos momentos históricos como causa e consequência de desastres, crimes e até mesmo guerras.

Segundo a teoria clássica da Psicanálise a Lei do pai regula todas as pulsões, ou seja, controla a agressividade do homem. Porém longe de se resumir a isso, a Psicanálise é rica em diagnósticos e termina por atribuir uma relação da vida cotidiana atual com a teoria do declínio do pai. Visto desta perspectiva é possível afirmar que a guerra possui continuidade no decorrer da história, e que para Freud, o direito é uma forma disfarçada de violência exercida por todos os homens sobre cada homem.

Como podemos observar no decorrer do trabalho, a relação entre a tese do declínio do pai advém da sociologia e não de Lacan. Inclusive a tese do declínio do pai em si não pode ser considerada lacaniana. É necessário diferenciar as formulações lacanianas do uso nostálgico que alguns psicanalistas fazem para defender suas próprias teses. No livro dos complexos há uma explicitação sim de uma degradação da família, mas em extensão, não em estrutura. Nesse sentido, Lacan vai defender que a família sofreu sim modificações no decorrer do tempo, mas que isso não interfere no amadurecimento psíquico do indivíduo, pois a estruturação é inconsciente e depende das imagos.

REFERÊNCIAS

- Birman, J. (2009). *Mal-estar na atualidade: A psicanálise e as novas formas de subjetivação*. (7ª ed). Rio de Janeiro, RJ: Civilização brasileira. (Originalmente publicado em 2000).
- Chemama, R. (2007). *Depressão, a grande neurose contemporânea (2006)*. Porto Alegre: CMC Editora.
- Dor, J. (2011). *O pai e sua função em psicanálise*. (2ª Ed.) (D. Duque, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Zahar. (Originalmente publicado em 1989).
- Engels, F. (1884). *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. (Tradução de Leandro Konder). In: MARX, Karl, ENGELS, Friedrich. *Obras escolhidas, Volume 3*. São Paulo: Alfa-Omega, s/d, p. 7-143.
- Julien, P.(1997). *O manto de noé: ensaio sobre a paternidade (1991)*. Rio de Janeiro: Livraria e editora Revinter.
- Lacan, J. (2008). *Os complexos familiares na formação do indivíduo: ensaio de análise de uma função em psicologia*. (2a ed.). (M. A. C. Jorge, P. M. Silveira Júnior, Trads.). Rio de Janeiro, RJ: Zahar. (Originalmente publicado em 1938).
- Lacan, J. (1998). Formulações sobre a causalidade psíquica. In J. Lacan, *Escritos* (pp. 152-194). Rio de Janeiro, RJ: Zahar. (Originalmente publicado em 1938).
- Lacan, J. (1998). A agressividade em psicanálise. In J. Lacan, *Escritos* (pp. 104-126). Rio de Janeiro, RJ: Zahar. (Originalmente publicado em 1948).
- Lacan, J. (1998). O estádio do espelho como formador da função do eu. In J. Lacan, *Escritos* (pp. 96-103). Rio de Janeiro, RJ: Zahar. (Originalmente publicado em 1949).

- Lebrun, J.-P. (2010). *O mal-estar na subjetivação*. Porto Alegre: CMC.
- Melman, C (2003). *O homem sem gravidade* ☺ *gozar a qualquer preço*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Navarro, P. R. N. (2011). El imaginario, narcisismo y agresividad en psicoanálisis: del joven Lacan a la violencia urbana. *Affectio Societatis*, 8(14), pp. 1-17.
- Radiszcz, E. (2009). Algunas observaciones sobre la tesis de la declinación del padre y la cuestión de la Ley en psicoanálisis. *Revista de Psicología*, Vol. XVIII, Nº 1.
- Roudinesco, E. (2011). *Lacan, a despeito de tudo e de todos*. Zahar.
- Zafiroopoulos, M. (2002). *Lacan y las ciencias sociales. La declinación del padre (1938-1953)*. Buenos Aires, AR: Nueva Visión.